

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO V—Número 1.5584
Sexta-feira, 25 de Janeiro de 1924
PREÇO — 20 CENTAVOS

A ditadura de Primo de Rivera que tantas promessas fez, encontra-se periclitante, mercê das desinteligências entre os generais

Pelos nossos irmãos alemães!

Tôda a gente de bem deve começar desde já a auxiliar as vítimas da guerra e do capitalismo internacional

Nota oficiosa do Comité Confederal

O Comité Confederal, reunido para tratar de assuntos de interesse da organização, interpretando o sentir da massa organizada de todo o país, vem expor um facto para que pede a atenção de todos os trabalhadores, conscio de cumprir um acto que dignifica tôda a gente de espirito bem formado.

Todos conhecem a situação angustiosa em que vive o povo alemão depois da terrível carnificina que assolou os povos, para gáudio da sociedade capitalista, que fez fortunas inúmeras á custa dos que expuzeram a vida, por uma causa que não era a sua. Resultado: Gente estropiada e impossibilitada para o trabalho; Desvalorização da moeda, e a conseqüente crise de trabalho, não tendo os operários onde empregar a sua actividade para conseguirem os meios de subsistência; Crianças tuberculosas por falta de alimento, e os quadros mais horrorosos de que temos conhecimento na história dos Povos.

A burguesia causadora das privações do povo, refastelada das melhores iguarias, não quer saber do sofrimento de quem não tem onde empregar os seus braços.

Mais que se suicidar para não verem os seus entes queridos morrer de fome.

O governo, mais preocupado com a questão política, do que com a questão económica, deixa que os seus subditos morram de fome.

Um povo inteiro que se define por falta de alimentação, em consequência de não ter onde empregar a sua actividade, e todo um caudal de misérias que não é possível enumerar, sofre como nós, vítima da exploração de capitalistas e políticos.

Depois de constarmos uma miséria como esta, o que devemos fazer?!

Procurar por tôdas as formas que nos seja possível, concorrer com uma parte das nossas possibilidades, para obstar a que continuem morrendo de fome aqueles entes que não tendo culpa da maldade dos homens, são os que mais directamente, sofrem as suas conseqüências.

Portanto, para que a nossa solidariedade possa beneficiar aquelas criaturas, todos os camaradas amantes da humanidade e consequentemente do bem, devem enviar o seu ôbolo, quer em dinheiro, quer em roupas, á sede deste organismo, afim de o fazermos chegar ao seu destino, cumprindo assim, um dos principais deveres de solidariedade que deve existir entre trabalhadores e que consiste em não deixar morrer de fome o nosso semelhante.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1924.

O Comité Confederal

PRIMO DE RIVERA não está tam seguro como parece

Grita-se em plena Espanha: "Viva o poder civil!" e os generais não se entendem

Informações particulares que recebemos de Espanha revelam-nos que a situação do Directorio Militar não é das mais seguras e que a Espanha civil e mesmo parte dos mais categorizados elementos militares discordam da orientação de Rivera, cujas promessas não foram cumpridas e cuja vaidade pessoal lhe transformou as normais faculdades de pensar.

Dificil é saber-se o que pensa o povo espanhol, através da sua imprensa, visto que a censura corta cuidadosamente das colunas dos jornais tudo o que não esteja de accordo com a actual situação politica.

Entretanto, há factos que não se podem ocultar, embora a imprensa não possa fazer-se eco d'elles. Por exemplo: há dias publicaram os jornais portugueses um telegrama sêco, mais d'uma linha, informando que o marquez de Cortines havia sido deportado. Não disseram, assim como em Espanha os jornais não o disseram também, que a despedida feita á tãse politica constituiria uma verdadeira bofetada em mão no Directorio Militar.

A despeito do descrédito politico e financeiro do marquez de Cortines, a sua despedida de Madrid, deu lugar a uma manifestação de protesto contra o actual regime. Na «gare» compareceram Garcia Prieto, Romanones, Ruiz Gimenez, grande número de liberais, vários aristocratas, os generais Frederico Bengener e Cavalcanti, do primeiro Directorio, e vários generais comandantes de guarnição.

As bocas, foi: «Viva o poder civil!» A policia, surpreendida com o caso, quiz intervir, mas ante a categoria dos manifestantes, arreceou-se.

Os generais que não aprovam a conduta do Directorio, principalmente desde o regresso da viagem a Itália, não querem abandonar os cargos de comando nas guarnições militares. Ao general Saro foi oferecida a «alcaldia» de Madrid, para deixar o comando de forças, e ele não aceitou.

Como Primo de Rivera não era o general mais categorizado, resulta que cada general do Directorio, e mesmo o que á este não pertencem, pretende tomar as suas medidas politicas e administrativas e se julga absolutamente autónomo.

A desagregação das forças do novo regime, as desinteligências entre os generais, a indiferença da grande massa da população contribuem poderosamente para a queda de Primo de Rivera, queda que se anuncia para muito breve.

A viagem do rei e de Rivera a Itália foi dum ridiculo atroz. Mussolini chegou a dizer a Afonso XIII que a ditadura espanhola nemhum valor tinha porquanto não obedecia a qualquer pensamento politico.

Enfim, vê-se que a ditadura de Rivera, redoundo num tremendo fracasso, que servirá de lição áquelles que em Portugal sonham com ditaduras salvadoras.

A greve ferroviária inglesa

A repercussão nas indústrias

LONDRES, 24.—Continuam as negociações entre os administradores das companhias ferroviárias e os operários. Tem-se que a greve ferroviária obriga muitas indústrias a suspenderem a sua laboração, agravando ainda mais o problema dos desempregados.

A CARESTIA DA VIDA

Um convite das Juntas de Freguesia

O Conselho Central das Juntas de Freguesia de Lisboa, convida as mesmas corporações a comparecer pelas 14 horas de hoje á porta do ministério das finanças, a fim de serem entregues ao presidente do ministério as moções pelas mesmas juntas aprovadas em sessão plenária de 22 do corrente na Câmara Municipal da cidade.

NOTAS & COMENTARIOS

Monsanto

Contou ontem mais um aniversario a escalada de Monsanto. O acto foi recordado por diversas delações que se fizeram ouvir durante o dia e noite. E' um fracasso em uso, mas que se torna forte e estrondoso. A subida arriscada de Monsanto representou o sacrificio, a defesa da república ameaçada e o esmagamento dos monarchicos. Troux a artilharia nesse dia; ontem os morteiros recordaram-no. Venceu-se Monsanto, perdeu a Reacção. Esvaiu-se uma illusão!

Monsanto sepultou novamente o cadáver, que a acção do tempo e o abandono e desleixo dos próprios coevos conseguira trazer á superficie. E os seus guardas já esqueceram os anos: descausam. O cadáver criou vermes que percorrem todo o organismo da república, arruinando-a sensivelmente, para que a sua morte não se faça esperar.

Monsanto não deve ser esquecido pelos republicanos sinceros e honestos. O ambiente que se respira não será um indício ineludível, certamente!

A familia e a constituição

A mulher do actual ministro da instrução sr.ª D. Luisa Sérgio, imaginou, como prolongamento da sua acção na instituição católica beneficiante das «Florinhas da Rua», um sindicato feminino com bases religiosas.

Quem pensou D. Luisa Sérgio de convidar para o «Sindicato Feminino»? O pessoal feminino do ministério da instrução. E o sr. António Sérgio mandou chamar ao seu gabinete, o pessoal feminino apresentando-o, ministerialmente, a sua esposa como capaz de ser pessoal para um sindicato católico e feminino. A familia começa a acrescentar aos aposentos que a constituem, mais outro que é simultaneamente cozinha e casa de jantar—o gabinete do ministro com quem se está matrimoniando. Deve pegar a moda. Resta-nos a consolação de que amanhã virá um ministro cuja esposa pertencendo a Associação do Registe Civil inscreva o pessoal feminino do ministério da instrução no Grémio Excursionista Civil do Monte.

Misericórdias...

Realiza-se dentro de breves dias o congresso das Misericórdias que irá occupar-se especialmente da péssima situação económica que ellas atravessam. E' um congresso onde se vai constatar a falência da caridade, da caridade que existe na assistência da injustiça e das misérias sociais por meio dalguns legados feitos após a morte do doador.

Livros

Recebemos o novo livro de Correia da Costa Dom Sebastião, ao qual em breve o nosso critico fará a merecida referéncia.

Arte e artista

O pintor modernista sr. Guilherme Filipe, que expôs há pouco os seus quadros originaes, em Lisboa, partiu ontem para o Porto onde realizará uma exposição.

O PESSOAL telégrafo-postal

saúda "A Batalha" por defender as suas justas reclamações

Há cerca de 3 meses que a classe telégrafo-postal vem reclamando a satisfação de justissimas reclamações. Ao fim dum tam longo periodo de tempo, o actual ministro do commercio dr. sr. António da Fonseca, em vez de aceder á justiça das reclamações ainda procura negá-la recorrendo a escamoteações legais que por irem ferir direitos legitimos não recamos classificar de desonestas.

O Administrador Geral dos Correios e Telégrafos sr. António Maria da Silva, que nada tem feito que beneficie o público ou que melhore os serviços, mantém uma attitude hostil ás reclamações do pessoal. A nós, em nada nos admira semelhante attitude, pois que o sr. António Maria da Silva, há muito que trocou a politica pelo trabalho e se tem dedicado a ser o perseguidor odioso das classes trabalhadoras.

Recebemos os seguintes telegramas: GUARDA, 24.—T.—Pessoal maior da Guarda agradece o apoio leal que tem sido prestado á corporação telégrafo-postal.

GUARDA, 24.—Pessoal menor telégrafo-postal da Guarda, reconhecidamente agradece franco e leal apoio prestado pela Batalha á nossa corporação.

A prisão dos delegados operários portugueses em Sevilla

Protestos

O operariado de Vila Nova de Portimão enviou ao ministro de Espanha em Lisboa o seguinte telegrama:

«Os sindicatos operários de Portimão, em nome de tôdas as classes trabalhadoras desta vila, pedem a immediata liberdade dos delegados portugueses Manuel Joaquim de Sousa e Manuel da Silva Campos, em homenagem á justiça e humanidade.»

PROBLEMAS SOCIAIS ADOPTAREMOS O FIGURINO RUSSO?

A tradição social do povo, a força do sindicalismo e vários outros factores indicam que a revolução tomará uma feição bem diversa

Desde que seja um dia possível em Portugal uma revolução de carácter económico, estará essa revolução sujeita ás mesmas contingências que determinaram na Rússia a sua actual constituição politica? Dada por ventura a impraticabilidade duma livre organização de tôdas as actividades económicas, pela opposição duma grande parte da população, e tendo, por isso, de a sociedade se organizar ainda em regime politico, será esse regime, como na Rússia, uma representação de sóviets, ou uma representação profissional, ou uma representação dos sindicatos? Dada mesmo por ventura a vitória do partido comunista, apoiado pelos elementos mais radicais dos partidos republicanos e dos republicanos não filiados, por uma parte do exercito e por uma parte do operariado, poderá esse partido exercer a mesma acção centralizadora e autoritária que o bolchevismo operou na Rússia?

A questão posta assim não pode ser resolvida empiricamente segundo as predições sociológicas e filológicas de cada um. Não podemos prescindir dos factores sociais, da análise dos factos, contar com as correntes de opinião, com as forças latentes na sociedade. Não se trata, pois, duma questão de fé, mas duma dedução. O regime que venha a estabelecer-se pode não corresponder ás nossas aspirações, á nossa ideologia, mas acceitá-lo como inevitável não representa nenhuma contradição connosco, visto que se não trata duma concepção subjectiva mas duma realidade objectiva, que não é condicionada apenas por nós. Em nós cabe apenas exercer o máximo da nossa influencia para que essa realidade se aproxime tanto quanto possível dos nossos principios, da nossa concepção duma organização social livre; mas o nosso patriotismo não deve ir até ao ponto de contrariar um regime mesmo de natureza autoritária, desde que ele represente, sob o ponto de vista das liberdades económicas, uma maior garantia do que a actual sociedade burguesa.

Encarando assim o problema e sabendo bem que os elementos libertários não constituem ainda a maioria revolucionária activa e forte, capaz de imprimir uma tendência delimitada á revolução, eu julgo que não será possível ainda em nossos dias tentar, num país como é Portugal, dependente economicamente do estrangeiro, uma experiência de sociedade libertária. A acção dos anarquistas virá naturalmente a limitar-se a influir para que o regime a estabelecer-se seja o mais possível descentralizado, não só sob o ponto de vista regional, como sob o ponto de vista das funções económicas e sociais (indústrias e serviços públicos). E, sob este ponto de vista, eu estou convencido de que a acção dos libertários se poderá exercer mais proficilmente, com resultados mais apreciáveis, de que a dos nossos camaradas na Rússia.

Somos chegados assim a uma das afirmações que eu fiz no meu último artigo: onde o sindicalismo seja uma força não dominará a superstição politica. Não sei porque, houve quem de duvidasse d'isto que eu supunha que uma organização sindicalista que se substitua ao patronato e ao Estado, tomando conta das funções que um outro realizam hoje, não é um regime politico. A's objecções que, em virtude deste equívoco me foram feitas responderei no outro artigo. Por enquanto limito-me a esclarecer melhor o meu pensamento. Por superstição politica eu entendo a crença de que é pela autoridade, pela violencia organizada em sistema, que os individuos e as sociedades se determinam. Essa superstição tem graus. Há países onde ella é dominante, outros onde ella é mais atenuada. Nós vivemos felizmente num destes países. Exactamente por influencia da acção sindicalista, o operariado não tem uma arreada superstição politica. Se acceitar um regime politico, acceitá-lo-há como uma fatalidade das circunstancias, por supôr realisavel uma mais profunda transformação, mas sem o entusiasmo, a fé, digamos a palavra, a superstição do poder com que na Rússia uma grande parte do operariado aclamou o novo Estado.

Se fôr possível derrubar o regime burguez e um movimento revolucionario poder ir mais além do que uma simples transformação de republicana num sentido federalista e de sindicalização dos serviços públicos, e o operariado puder tornar-se senhor dos seus destinos, eu julgo, pela análise do meio social, pela tendência e espirito da massa proletária, que a Revolução não adoptará como modelo que deva copiar-se violentamente o regime politico que se estabeleceu na Rússia. Por temperamento, por educação, pelo tradicionalismo da sua vida social, o português não acceita docilmente a imposição duma forte autoridade. Por isso eu julgo mais do que provável que, no dia em que a massa operária conseguir obter uma vitória decisiva contra a burguesia hoje dominante, o regime que venha a fixar-se, embora ainda distante duma organização comunista libertária, não deixará de se impregnar duma forte tendência para o livre federalismo economico que nós, os libertários, preconizamos.

Triunfante a classe operária, duas correntes se estabelecerão—uma mais au-

toritária, representada pelos comunistas, pelos socialistas e por alguns elementos republicanos, civis ou militares, que tenham auxiliado a Revolução e a menos autoritária ou de tendência libertária constituída pelos sindicatos e pelos anarquistas. Qual destas duas correntes dominará, exercendo a sua influencia nos métodos a empregar para a reorganização da vida economica? Em qualquer das hipóteses, não há que recuar á absorção por um exagerado autoritarismo da tendência de autonomia e liberdade da massa popular.

Suponhamos que triunfa a corrente sindicalista, embora influenciada pelos elementos vindos dos partidos politicos coordenados em volta do partido comunista. Os sindicalistas, vendidos forçados a manter uma forma politica, pela pressão interna e ainda pela pressão externa, tendo de estabelecer um governo, além da cooperação económica, quanto possível exoptante e livre da massa trabalhadora, optarão pela sindicalização dos serviços públicos e por uma assembleia dos sindicatos ou por duas assembleias similares das duas secções da actual C. G. T. Mas, pelo proprio espirito do sindicalismo e pela influencia que nesse caso se fará sentir melhor dos elementos libertários, o Estado tenderá para uma rápida pulverização, deixando-se substituir pouco a pouco por uma livre organização da produção e do consumo. No decurso dum tal regime, organizada a educação com uma orientação pedagogica moderna, conduzindo a uma organização social livre e não imposta, ir-se-á accentuando cada vez mais a tendência para uma sociedade libertária.

Imaginemos agora a outra hipótese. Suponhamos que o triunfo é todo do partido comunista, não só pelo apoio obtido dos republicanos, quando a solução da república burguesa tenha de ser posta de parte, como pelo apoio dos elementos militares e ainda porque os intelectuaes que sabem compreender as necessidades do presente, que são a laboração dum futuro melhor e o proletariado, não devem consentir de bom grado que a burguesia trate o magro problema da instrução, pela maneira como o está fazendo, demonstrando que não governa os interesses do povo, mas que governa os interesses de classe, isto é: a conveniência dos ricos. E' esta a conclusão a que somos obrigados a chegar depois de examinados os diversos trabalhos de bastante utilidade para a instrução do povo, como, por exemplo, a última reforma do dr. sr. João Camoesas, que ficou fazendo no arquivo das coisas inúteis, como eloquentes afirmações de que a burguesia reinante, considera útil ao seu predomínio, a ignorância do povo.

Porque razão é que, por esse país fora, o abandono da escola é tam grande? E que razão tam poderosa há, para que até nas pequenas aldeias surjam postos de Guarda Nacional, alojados em casas, as melhores? E ainda, que sentimento de humanidade e de respeito possua a burguesia se se nega, por vezes, a ceder um catre para a escola da aldeia e facilita ou oferece uma boa casa para um posto da Guarda?

A razão desta attitude está decerto justificada no facto de que a Guarda, como as restantes forças militares, pode a burguesia utilizá-las para defesa dos atropelos que comete, para sentir mais seguro o fruto da sua especulação.

Na expansão da escola ella só vê um inimigo, porque reconhece que, quanto mais instruido fôr o povo, mais facilmente compreenderá a injusta desigualdade economica que o condena a todas as dificuldades.

Para a burguesia o principal objectivo é manter o regime que lhe dá existencia. Se para conseguir esse objectivo ella verificar ter necessidade de reduzir o povo á total ignorância, fá-lo-há.

A prosperidade do país significa para agiotas, industriais, proprietários, negociantes e conspicuos patriotas, a possibilidade de arrecadar fabulosos lucros. Se para conseguir tais lucros fôr necessario substituir, nos trabalhos que exploram, os homens por crianças, quicã o país pelos filhos, não se deixem. E por via da lei do salario, não se deixem. A cultura que existe, verifica-se o exodo das crianças para as oficinas, depauperando-se prematuramente e afundando-se no analfabetismo em que se debate 75 por cento da população.

E senão veja-se a exploração ignóbil exercida sobre os menores que, sem amparo, as mais das vezes dos pais e absolutamente desprezadas da sociedade, são obrigadas a suportar a tirania de individuos sem escrúpulos e sem sensibilidade, guindados á categoria de patrões, que só vêem nella vítima um farrapo, obrigado a sofrer toda a hebdiez da sua cubica.

Portugal está na vanguarda dos países a quem não merece consideração áquelles que são a promessa do futuro. As crianças não vivem (nos falamos das crianças filhas dos operários, dos

ao organizar-se um novo sistema politico possa dar-se uma geral abstenção dos militantes sindicalistas e deve contar-se com certa a dos libertários. Que sucederá nesse caso? O partido comunista tentará de entrada não uma ditadura do seu partido. Ao cabo de certo tempo, para evitar a reacção violenta e revolucionária da massa, procurará organizar o Estado fazendo participar os organismos profissionais. Se organizasse o estatador á maneira actual, por círculos, em que os eleitores não se agrupassem por profissões, natural seria a abstenção do operariado como hoje succede, o que daria nas eleições o predomínio dos aderentes da ultima hora, vindos das camadas burguezas. Para evitar isso o partido comunista não deixará de acabar por admitir a representação por profissões. Por outro lado, não constituindo Portugal um país de grande industria, natural será que se organizem espontaneamente um pouco por tôda a parte pequenas comunas agricolas e industriais, cuja autonomia terá de acabar por ser respeitada, senão desde logo, pelo menos após sucessivas reacções populares.

Evidentemente que o ideal seria que pudesse desde logo organizar-se a vida economica num regime de liberdade ampla e que qualquer destas duas situações não é aquela que a qualquer libertário pode satisfazer sob o ponto de vista da doutrina. Mas serão os factos que hão-de impôr uma delas e já nos devemos dar por muito felizes em reconhecer que a existencia dum sindicalismo, com uma forte opposição a um excessivo autoritarismo, hão-de contribuir duma maneira decisiva para que a revolução que vier a realizar-se em Portugal não nos conduza ao dominio absorvente dum partido politico, por mais bem intencionado que seja.

Campos LIMA

A instrução popular Arruinam-se os edificios escolares, fazem-se quartéis e o proletariado condenado á miséria e á ignorância

Os intellectuaes que sabem compreender as necessidades do presente, que são a laboração dum futuro melhor e o proletariado, não devem consentir de bom grado que a burguesia trate o magro problema da instrução, pela maneira como o está fazendo, demonstrando que não governa os interesses do povo, mas que governa os interesses de classe, isto é: a conveniência dos ricos. E' esta a conclusão a que somos obrigados a chegar depois de examinados os diversos trabalhos de bastante utilidade para a instrução do povo, como, por exemplo, a última reforma do dr. sr. João Camoesas, que ficou fazendo no arquivo das coisas inúteis, como eloquentes afirmações de que a burguesia reinante, considera útil ao seu predomínio, a ignorância do povo.

Porque razão é que, por esse país fora, o abandono da escola é tam grande? E que razão tam poderosa há, para que até nas pequenas aldeias surjam postos de Guarda Nacional, alojados em casas, as melhores? E ainda, que sentimento de humanidade e de respeito possua a burguesia se se nega, por vezes, a ceder um catre para a escola da aldeia e facilita ou oferece uma boa casa para um posto da Guarda?

A razão desta attitude está decerto justificada no facto de que a Guarda, como as restantes forças militares, pode a burguesia utilizá-las para defesa dos atropelos que comete, para sentir mais seguro o fruto da sua especulação.

Na expansão da escola ella só vê um inimigo, porque reconhece que, quanto mais instruido fôr o povo, mais facilmente compreenderá a injusta desigualdade economica que o condena a todas as dificuldades.

Para a burguesia o principal objectivo é manter o regime que lhe dá existencia. Se para conseguir esse objectivo ella verificar ter necessidade de reduzir o povo á total ignorância, fá-lo-há.

A prosperidade do país significa para agiotas, industriais, proprietários, negociantes e conspicuos patriotas, a possibilidade de arrecadar fabulosos lucros. Se para conseguir tais lucros fôr necessario substituir, nos trabalhos que exploram, os homens por crianças, quicã o país pelos filhos, não se deixem. E por via da lei do salario, não se deixem. A cultura que existe, verifica-se o exodo das crianças para as oficinas, depauperando-se prematuramente e afundando-se no analfabetismo em que se debate 75 por cento da população.

E senão veja-se a exploração ignóbil exercida sobre os menores que, sem amparo, as mais das vezes dos pais e absolutamente desprezadas da sociedade, são obrigadas a suportar a tirania de individuos sem escrúpulos e sem sensibilidade, guindados á categoria de patrões, que só vêem nella vítima um farrapo, obrigado a sofrer toda a hebdiez da sua cubica.

Portugal está na vanguarda dos países a quem não merece consideração áquelles que são a promessa do futuro. As crianças não vivem (nos falamos das crianças filhas dos operários, dos

que não são bafejados da sorte, como se diz—se vegetam. A sociedade que deveria canalizar todos os seus esforços para que ellas fossem os conscientes homens do futuro, põe-nas á margem, esperando que, comoervas daninhas, surjam no vicio, para as fazerem entrar nos calabouços.

A escola, a mãe da luz que tantos e tam maravilhosamente hão exultado, permanece ao desamparo em Portugal. O prototipo das escolas do país, está na cidade de Castelo Branco no alto do monte que a domina; parede meias com as ruínas dum velho castelo representativo da idade medieval, mais despótica ainda. E' all que residem as ruínas duma escola «Conde Ferreira» que pela última vez que com feitura a mirámos, nem próximo das paredes se podia lá permanecer.

Em nome de que principio foi dado permitir, que aquela casa escolar atingisse tam calamitoso estado? O mesmo que permite, equal abandono em tôda a parte; que impede a realização de boas iniciativas, que, espreitados bastante independentes, temem proporcionar; e que obriga á terminação das escolas primárias superiores e ao encerramento breve de outros estabelecimentos de ensino. Tenhamos em vista o grito de alarme lançado pela Universidade Popular.

Tôda esta situação nefasta, que reduz o povo á mais crassa ignorância se exerce, porque para a burguesia o desenvolvimento da instrução não representa o seu predomínio, antes o enfraquece e ella acima de tudo quer manter-se.

A burguesia não está disposta a reconhecer, que tem de ceder o passo á nova modalidade social, supõe-se estranha. Porisso, preocupa-se exclusivamente com a defesa dos seus interesses, que são os interesses dos banqueiros, dos proprietários, dos comerciantes, dos magoos. E como o interesse dos ricos não é o mesmo que o interesse do povo, resulta que a burguesia como classe reinante deprime os direitos do povo para sua defesa popular, que pela mesma razão não é a defesa do povo.

Se isto fôr sempre assim, hoje que ella sente o terreno fugir-lhe debaixo dos pés mais se accentua. De forma que a cultura está sendo hoje em dia coisa só digna dos endinheirados, como em antigos tempos o era da fidalguia. Os que labutam de dia para comer algo á noite, se não souberem defender seus direitos, irão parar á mais profunda ignorância envolvidos na mais extrema miséria.

Mais é indispensavel que isto não succeda. Trabalhadores intellectuaes, áquelles que tem por guia, uma clara consciéncia do presente e do futuro, bem como o proletariado que é o que mais sofre, todos nós cometeremos uma grande falta se não erguermos uma barreira forte contra a avalanche ignominiosa, que a burguesia com a sua maliciosa coqueteria arrojá sobre os nossos direitos.

Ainda nos não fôr possível conquistar todo o pão para a boca e estamos em vésperas de perder todo o pão do espirito.

Silva CAMPOS